



ROSSETO, Robson. **A experiência artística do professor de teatro como princípio gerador para uma práxis pedagógica significativa.** Curitiba: Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Professor; assistente. Ator e encenador.

RESUMO

Este artigo objetivou a descrição dos encaminhamentos adotados no projeto de pesquisa que coordeno na Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Este projeto – desenvolvido por alunos de graduação em Bacharelado e Licenciatura em Teatro da FAP – buscou a investigação do processo de formação do espectador no âmbito da educação. No primeiro semestre de 2011, as leituras e as discussões realizadas focalizaram a estética teatral contemporânea, centrando-se especialmente no conceito pós-dramático para, em seguida, adentrarmos no estudo sobre a teoria da recepção e a formação do espectador. O desenvolvimento de uma encenação começou no segundo semestre, a partir do processo de criação envolvendo as memórias dos participantes. Nessa empreitada, coloquei-me na função do ator, e é esta experiência que relato neste artigo com o objetivo de discutir sobre a importância de o professor de teatro manter-se em constante desenvolvimento prático. O texto resulta na reflexão sobre o potencial da experiência cênica do professor como base para o uso da reflexão-ação-reflexão na pedagogia teatral.

PALAVRAS-CHAVE: ator: pedagogia do teatro: prática teatral: professor.

ABSTRACT

The present article aimed to describe the procedures taken in the research project I coordinate at the Arts College of Paraná – FAP. The study group investigated the process of audience formation in the realms of education. The work was developed by Bachelor and Teaching Undergraduate students of Theatre from FAP. In the first semester of 2011, readings and discussions focused on the contemporary theatrical aesthetics, specifically focused on the post-dramatic concept, followed by investigations on the theory of reception and audience formation concept. The development of a scene started in the second semester. It reflected a process of creation involving the memory of participants. For that task, I stepped in as an actor and along this text, I discuss the importance of the theatre teacher to keep constant practical development. The text results in a reflection upon the scenic experience potential of the teacher basing the use of reflection-action-reflection in theatrical pedagogy.

KEYS WORDS: actor: theatrical pedagogy: theatrical practice: teacher.

O objetivo do projeto que coordeno, desenvolvido por alunos da graduação em Bacharelado e Licenciatura em Teatro da FAP, é investigar a recepção no campo da pedagogia teatral, em especial o potencial representado pela inclusão dessa recepção na formação do aluno espectador do ensino

médio, buscando compreender o espaço dado ao espectador e as formas de observar o impacto que o espetáculo nele despertou.

A pesquisa, primeiramente, desenvolveu-se por meio do estudo do contexto histórico das estéticas teatrais desenvolvidas por determinados diretores e pesquisadores para uma melhor compreensão das estéticas contemporâneas, diante da proliferação de propostas distintas de encenação que chegam até aos alunos. Nesse sentido, o estudo bibliográfico abrangeu o primeiro semestre de 2011, e cabe destacar que o assunto alvo de discussão foi o conceito pós-dramático, cunhado pelo crítico e professor alemão Hans-Thies Lehmann.

Em seguida, foi realizado um levantamento dos estudos e das metodologias correntes no que diz respeito à recepção da cena teatral. As leituras dessa fase abrangeram especialmente as pesquisas sobre a recepção no contexto do ensino. As alternativas metodológicas analisadas para o exercício da recepção foram: questionários, procedimentos pedagógicos de mediação teatral, vídeo-registro, protocolo, interação–discussão.

Na etapa posterior, o projeto previa escolher um espetáculo como objeto de análise, com o intuito de observar seu processo de montagem até a estreia, para que fosse possível elaborar uma proposta metodológica de recepção a ser aplicada junto a um grupo de alunos selecionados do ensino médio. No entanto, os alunos participantes do grupo de estudos da FAP propuseram a montagem de um espetáculo pelo próprio grupo, uma vez que esses demonstraram extremo interesse em realizar um processo de montagem teatral externo das disciplinas curriculares.

Confesso que num primeiro momento hesitei, visto que o projeto não previa a montagem de uma encenação. Na verdade, tive receio de não dar conta da demanda, pois, obviamente, o desenvolvimento de um processo teatral exige demais dos envolvidos. Entretanto, como éramos/somos um grupo, resolvi acatar o desejo de todos, porém com uma condição, que eu não participasse como encenador, mas sim como ator.

Deste modo, uma das integrantes do grupo prontificou-se a assumir o papel de encenadora. A partir de então, os encontros encaminharam-se com proposições teatrais de integração para promover e descobrir as afinidades nas relações interpessoais e canalizar uma identidade para o grupo. O desenvolvimento do discurso a ser posto em cena foi entendido como um processo de criação autônomo e integral por meio das memórias dos envolvidos na encenação.

As memórias eram ativadas no elenco através de entrevistas filmadas¹, imagens, músicas, fragmentos de texto e sensações afloradas por meio de alimentos, cheiros, sons e texturas no corpo. A partir desses estímulos, as improvisações aconteciam de forma ininterrupta, por vezes ultrapassaram uma hora. A cada encontro, um protocolo era descrito através do olhar da

encenadora, coletando falas, ações e sensações, para posteriormente a composição da escrita dramática.

Por ocasião da Semana da Licenciatura em Teatro², em outubro de 2011, resolvemos apresentar uma mostra desse processo, especialmente para avaliarmos aquilo que estávamos construindo. Após a apresentação, realizamos um debate com o público, para o qual explicamos a proposta do projeto e da encenação e a partir dele por meio das falas dos espectadores, analisamos o efeito das cenas apresentadas. Esta dinâmica foi de extrema importância para a continuidade do trabalho que, atualmente, se encontra em um período de planejamento, encaminhando-se para a constituição do espetáculo final.

O exercício cênico do professor como propulsor para o ensino do teatro

Há tempos eu desejava retomar o exercício da atuação, sentia falta do fazer teatral. E essa ausência da prática cênica nos últimos anos já tinha se tornado uma angústia, sobretudo por consecutivamente afirmar durante as aulas nas disciplinas que ministro no curso de Licenciatura em Teatro³: “O professor de teatro deve saber encenar” (BULHÕES, 2003, p.41). De fato, essa é uma premissa básica para aqueles que estão em processo de formação num curso de licenciatura em teatro, uma vez que esse professor deverá vivenciar processos teatrais para a investigação e a reflexão sobre a elaboração dos discursos cênicos. Do mesmo modo, o professor da educação básica ou do ensino superior deve manter continuamente as experimentações teatrais.

No entanto, o cotidiano acadêmico tende a nos afastar dessa prática, e o não envolvimento reflexivo do professor com processos cênicos pode enfraquecer essa dinâmica orgânico-constitutiva solicitada pelo teatro. Assim sendo, faz-se necessário o investimento constante do professor de teatro em projetos de encenação, comprometendo-se com um maior aprofundamento nas discussões sobre questões estéticas e teóricas relativas a esta área de conhecimento.

Ora, qual a melhor maneira para que o professor de teatro reflita junto com seus alunos sobre as questões estéticas teatrais senão a partir das próprias vivências, tanto do apreciar e especialmente do fazer teatral? De acordo com Tūrcke:

[...] nós, humanos, como seres sensíveis, somos inescapavelmente dependentes das sensações que nossos órgãos sensoriais nos transmitem. O que não for sensação não existe para nós, pois não podemos compreender o mundo passando ao largo de nossos sentidos (2010, p.39).

Deste modo, somente por meio da experiência estética/cênica é possível apreender os meandros desse universo. Todavia, em geral, após o término da graduação, o professor de teatro deixa à margem o fazer artístico em função das demandas da profissão, porém ouço com frequência de colegas

professores de teatro e de alunos egressos sobre a suas vontades de retomarem o exercício teatral. Isso sugere que de fato o campo teórico exige um aprendizado prático reflexivo.

A vivência estética do professor muitas vezes é pouco estimulada na formação inicial, tampouco na continuada. Esta lacuna acarreta prejuízos para a formação de qualquer educador, independente da sua área de atuação, no entanto, ao se referir à área teatral, o dano e a deficiência no desenvolvimento desse sujeito são mais significativos. Do mesmo modo, a diária exaustiva das tarefas pertencentes ao lecionar colabora para deixar à margem as percepções sensoriais e criativas do docente. Contudo, o aluno e o professor são constituintes de múltiplas vivências estéticas, culturalmente aprendidas.

Nesse sentido, pude constatar com o meu retorno à prática teatral uma sensível diferença na condução das aulas que leciono e especialmente o desenvolvimento de uma relação mais profícua com os alunos do grupo de estudo, uma vez que são os mesmos estudantes das disciplinas curriculares que ministro. Por certo, as minhas vivências sensório-corporais teatrais contribuíram para um diálogo mais orgânico com eles, intensificando uma cocriação nos discursos cênicos pesquisados.

O olhar estético apurado e consciente possibilita ao educador, certamente, mediar com mais segurança o processo de leitura, a habilidade de estabelecer relações, análises e sínteses, a pluralidade de significados, a diversidade. Nesse sentido, o professor irá utilizar princípios que permitem ao aluno fazer ligações dos saberes e dar sentido às experiências, exercício fundamental para que o estudante, de fato, reflita sobre o aprendizado. Ferraz e Fusari afirmam: “A educação estética irá contribuir para a ampliação das habilidades já existentes, estabelecendo no processo educacional a ponte entre o fazer e o refletir (pensar)” (2001, p. 60).

Cabe ressaltar que a experiência estética derivada da arte, pelo apreciar ou pelo fazer, ou ainda estabelecida entre o olhar do observador frente a um acontecimento cotidiano, a um fenômeno da natureza ou a um fato corriqueiro, faz com que, obrigatoriamente, o sujeito, suspenda a

[...] “percepção analítica”, “racional”, para sentir mais plenamente o objeto. Deixamos fluir nossa corrente de sentimentos, sem procurar transformá-la em conceitos, em palavras. Sentimos o objeto, e não pensamos nele. No momento dessa experiência ocorre como que uma “suspensão” da vida cotidiana, uma ‘quebra’ nas regras da “realidade” (DUARTE JÚNIOR, 1991, p. 58).

Tal experiência, de caráter subjetivo por excelência, não foi levada a cabo na história da educação e, ainda hoje, propostas educacionais muitas vezes não priorizam a estética como fator preponderante na relação do ensino e da aprendizagem, inclusive, por mais incrível que possa parecer, no ensino do teatro. Em geral, isso ocorre devido a “[...] um forte preconceito que não consegue relacionar capacidade artística com saber pedagógico, ignorando

todo o processo de formação do professor de teatro, como se isso reduzisse a formação do artista” (CONCÍLIO, 2008, p.75).

Excepcionalmente, a educação ignorou por muito tempo a capacidade de associar ou dissociar os sentimentos da razão; ela deixou de levar em consideração aquilo que se sente, se produz, se cria, se deseja, na esfera do prazer ou da dor. Com frequência a escola esquece estes aspectos porque sua tendência é rejeitar a complexidade da natureza humana, para valorizar o predomínio da razão sobre outras formas de expressão da capacidade do sujeito.

No entanto, a prática pedagógica do professor está sempre envolta por múltiplas experiências estéticas por ele vivenciadas, ele tomando consciência disso ou não. Por exemplo, no momento que o educador lança uma proposta ou dialoga sobre uma prática teatral com seus alunos, ele está tecendo relações a partir do seu arcabouço estético, que de modo óbvio está sendo confrontado com as experiências estéticas apreendidas por eles.

Nesse sentido, é fundamental que o educador empreenda as experiências estéticas e as múltiplas relações estabelecidas com as distintas áreas do conhecimento no ensino, uma vez que nenhuma pedagogia pode anular a experiência de uma pessoa. Pelo contrário, o aprendizado é sempre mais significativo quando há uma comunhão entre o novo com o já sabido e o já vivido.

Na atualidade, a educação começou a dar mais ênfase em propostas pedagógicas que procuram trabalhar com a dimensão da estética, com foco na legitimação da sensibilidade e da liberdade de expressão de professores e alunos. Portanto, o exercício teatral do licenciado em teatro deve permanecer em continuidade ao longo de sua carreira, uma vez que o teatro é educador enquanto experiência estética. E, nesse sentido, o docente irá empreender como procedimento metodológico em sala de aula pesquisas cênicas que se assemelhem àquela experimentada na criação teatral realizada por ele e pelos artistas da referida área.

Referências

CONCÍLIO, Vicente. Professor de teatro: existe? Pensando a profissionalização de quem ensina teatro. **Urdimento** – Revista de estudos em Artes Cênicas, Florianópolis, v. 1, n. 10, p. 73-78, dez. 2008.

DUARTE JÚNIOR, João-Francisco. **Por que arte-educação?** 6º ed. Campinas: Papirus, 1991. (Coleção Ágere)

FERRAZ, Maria Heloísa C. de T.; FUSARI, Maria F. de Rezende e. **Arte na Educação Escolar**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Magistério 2º grau. Série Formação Geral)

MARTINS, Marcos Bulhões. **Encenação em jogo**: experimento de aprendizagem e criação do teatro. São Paulo: Hucitec, 2004. (Teatro, 48)

TÜRCKE, Christoph. **Sociedade excitada**: filosofia da sensação. Trad. Antonio A. S. Zuin [et al.]. Campinas: Editora da Unicamp, 2010.

1

A encenadora filmou depoimentos individuais da lembrança de algum momento da vida que cada um quisesse relatar.

2

Esse evento tem como proposta fomentar o debate crítico sobre o teatro e a educação, e também proporcionar à comunidade acadêmica e ao público em geral espetáculos, mesas redondas e oficinas com enfoque nas distintas possibilidades teatrais.

3

Curso de Graduação da Faculdade de Artes do Paraná – FAP. Atualmente ministro as disciplinas: Metodologias do Ensino do Teatro, Metodologia da Pesquisa e Pesquisa no Ensino do Teatro.